

Dr. Mark Jennings, Mark, Aula 22, Marcos 14:26-72, A Última Ceia, Prisão, Julgamento, E a negação de Pedro

© 2024 Mark Jennings e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o Evangelho de Marcos. Esta é a sessão 22, Marcos 14:26-72, A Última Ceia, Prisão, Julgamento e Negação de Pedro.

Bem-vindos de volta enquanto continuamos a trabalhar no capítulo 14 de Marcos.

Quando estávamos em nossa discussão anterior sobre Marcos 14, tínhamos preparado o cenário, e estávamos discutindo a Última Ceia e sua relação com a refeição da Páscoa e o grande ato que estava prestes a ocorrer com a morte de Jesus e colocando-o dentro do contexto de Deus como aquele que salva seu povo do cativeiro, a narrativa do Êxodo apontando para o que Jesus está fazendo. Nisso, também discutimos a declaração de um traidor e como Jesus revelou que um deles trairia. E isso é interessante porque enquanto eles estavam discutindo com Jesus, estando tristes por Jesus ter dito que um deles trairia, todos eles estavam dizendo, não sou eu, é? Não sou eu, não sou eu, e você também se pergunta se não havia um pouco de esperança.

Bem, talvez seja apenas um de nós, certo? Você sabe, não sou eu e então deve ser outro. E então isso prepara o cenário para o que vamos ver agora. E mesmo que apenas um deles seja o traidor, todos eles abandonaram Jesus.

E então, vamos pegar isso então com o versículo 26 em Marcos capítulo 14. E quando eles cantaram um hino, que era apropriado para fazer no final de uma Páscoa, eles saíram para o Monte das Oliveiras. E Jesus disse a eles, vocês todos se afastam.

Pois está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas se dispersarão. Mas, depois que eu for ressuscitado, irei adiante de vocês para a Galileia. Mas Pedro lhe disse: Ainda que todos se escandalizassem, eu não o farei.

Jesus lhe disse: Em verdade te digo que, esta mesma noite, antes que o galo cante duas vezes, me negarás três vezes. Mas ele disse enfaticamente: Ainda que eu tenha que morrer contigo, não te negarei. E todos disseram o mesmo.

A predição de Jesus de que todos eles cairão está intimamente relacionada a Zacarias 13.7. Observe que em Zacarias, há uma realidade apocalíptica nisso, uma causa

divina para o sofrimento. E, claro, a morte do pastor não é o fim da história, o que teria sido, é claro, um grande conforto para Pedro, mas há vindicação e restauração em vista. A declaração, porém, aqui, há esperança, mesmo que eles não a ouçam.

E há uma aparição de ressurreição, mesmo que não pareça tão evidente. Depois de declarar que todos eles cairiam, Jesus diz, depois que eu for ressuscitado, irei adiante de vocês para a Galileia. E então essa dica, há essa dica de esperança para Pedro neste momento.

Jesus disse que iria antes da Galileia. Você sabe, quando olhamos para as diferenças entre Judas e Pedro, uma das coisas que os Evangelhos deixam bem claro é que não há tanta diferença quanto às vezes supomos, mas há algumas importantes. Claro, Mateus falará sobre como ele ora por Pedro.

Não recebemos tal oração por Judas. E aqui Jesus diz a Pedro que os verá novamente na Galileia. Claro, o protesto de Pedro e a repreensão de Jesus aqui lembram o que aconteceu em Marcos 8, versículos 31 a 32, onde Pedro nega o que Jesus tem dito sobre sua tendência descendente para a rejeição depois que Pedro declara que Jesus é o Messias.

Quero dizer, a ironia, claro, é que estamos falando sobre a única figura que foi elogiada no Evangelho de Marcos por afirmar e declarar que Jesus é o Messias será aquela que nega. Mas essa troca, esse protesto onde Pedro mais uma vez tem problemas com o que Jesus tem a dizer quando Jesus diz que todos eles cairão e Pedro diz mesmo que todos eles caíam, eu não vou, e ainda continua a declarar enfaticamente que ele não vai negar você. Claro, ele será enfático em uma declaração do outro lado em apenas alguns versos curtos.

Claro, não é só Pedro que diz isso; todos dizem o mesmo. Os discípulos fortes que nunca negariam Jesus agora têm uma chance de demonstrar sua fidelidade a Jesus no Jardim do Getsêmani. E, claro, seu fracasso será rápido e imediato.

Vamos ver como o Jardim nos versículos 32 a 42 de Marcos capítulo 14. E ele disse: Aba, Pai, todas as coisas te são possíveis. Passa de mim este cálice, todavia não seja o que eu quero, mas o que tu queres.

E, voltando, achou-os dormindo e disse a Pedro: Simão, dormes? Não pudeste vigiar uma hora? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação. O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca. E, retirando-se outra vez, orou, dizendo as mesmas palavras.

E, outra vez, ele veio e os encontrou dormindo, pois seus olhos estavam muito pesados, e eles não sabiam o que responder a ele. E ele veio pela terceira vez e disse a ele, você ainda está dormindo e descansando? É o suficiente. A hora chegou.

O Filho do Homem foi entregue nas mãos dos pecadores. Levantai-vos, vamos. Eis que o meu traidor está próximo.

A estrutura desta passagem, eu acho, enfatiza a solidão ou isolamento de Jesus, bem como o fracasso dos discípulos. Veja como isso se move. Ele chega com todos os discípulos, exceto Judas, embora a partida de Judas aqui não seja esclarecida.

Marcos não sabe claramente quando Judas realmente partiu. A narrativa mais ampla do evangelho explica isso. Mas Judas claramente partiu neste ponto porque ele chegou com a guarda que descansaria.

Então, Jesus chega com os discípulos, já faltando um. E então ele se retira novamente com os três, os três aos quais já nos acostumamos, os três que Jesus frequentemente levava consigo. E então ele vai ainda mais longe sozinho.

Então você vê essa progressão de separação até mesmo no jardim. Nós vemos aqui, você sabe, Marcos, sua predileção por três, você sabe, estar estressado. Três vezes, Jesus retorna para encontrar os discípulos dormindo.

Três vezes ele os repreende. Essa repetição, esse uso da mesma linguagem repetidamente traz à tona o que está acontecendo. Getsêmani, caso você esteja interessado, é uma palavra hebraica ou aramaica, talvez para prensa de azeite, o que faria sentido, dado que estamos no Monte das Oliveiras.

Provavelmente estamos falando de um lugar que é mais como um olival, talvez até com um moinho para prensar azeitonas, como teríamos aqui. Lucas nos diz que este é um lugar que Jesus ia regularmente. E é claramente um lugar também que Judas sabia que encontraria Jesus.

Este é agora seu retiro para o Getsêmani se isso fosse parte do padrão que Jesus normalmente faria, e ir e descansar, é claro, dá a Judas a oportunidade que ele está procurando, que é Jesus isolado das multidões e capaz de ser preso. Sabe, é interessante quando pensamos sobre a relação entre esta passagem e alguns dos outros elementos do Evangelho. Sabe, em Marcos 10:38 a 39, Tiago e João dizem que eles podem beber o cálice que Jesus deve beber.

Em Marcos 14:31, Pedro, é claro, diz que não os deixará. Mas aqui você tem, você sabe, esse movimento, esse refrão repetido de Jesus meio que sofrendo por isso, de Jesus fazendo isso sozinho, seu luto. Você tem essa imagem do sofredor justo, essa minha alma, você sabe, que é uma maneira semítica ou poética de se referir a si mesmo, você sabe, está perto da morte, que ele está com tanta tristeza que parece que está morrendo.

Acho que essa é uma declaração poética. Não acho que ele precisa estar tão triste que está prestes a morrer literalmente, mas é esse sentido poético, quase como os Salmos. E Jesus ora aqui, certo, que se for possível, a hora passe dele.

E o termo hora, você sabe, não é um termo literal, mas é uma maneira de dizer a você o tempo ou o período dele, ou até mesmo um sentido escatológico. E observe que temos um discurso direto. É Abba, Pai.

Esta é uma das raras vezes em que Jesus ora, onde temos a oração em Marcos. Esta não é uma referência à oração, mas à oração em Marcos. Teremos outra no clamor da cruz.

Jesus, é claro, é mencionado em todo o Evangelho de oração e de ensino sobre oração, mas esta é, na verdade, a primeira oração real que temos em Marcos. Sua escolha aqui de esperar até então, eu acho, é fascinante. O uso de Abba aqui é exclusivo de Jesus, o que significa que é algo que Jesus meio que introduz de forma única.

É um nível de intimidade sem precedentes. Sabemos no Antigo Testamento, é claro, que Deus ocasionalmente se veste como Pai ou Pai Nosso, especialmente para o povo de Israel. Vemos isso até mesmo nos Mortos e nos escritos helenísticos.

Mas este Abba aqui, em termos desta declaração pessoal e corporativa, é extremamente íntimo. Precisamos ter cuidado e não meramente assumir que Abba de alguma forma significa Papai, como às vezes é dado no contexto, porque há frequentemente a palavra usada por filhos adultos em relação ao seu Pai, pois geralmente associamos Papai com algo que as crianças mais novas dizem. Abba teria sido algo que os filhos adultos dizem.

Mas nós realmente não temos em nenhum outro lugar no judaísmo palestino pré-cristão, pré-primeiro século, um discurso tão pessoal de Deus por um indivíduo. Nós temos uma taça. Eu acho que a taça aqui é importante para entender por que Jesus está quase morrendo.

O cálice é uma imagem comum no Antigo Testamento para sofrimento. O cálice é uma imagem comum no Antigo Testamento para julgamento divino. Se olharmos através do Antigo Testamento, vemos sofrimento e julgamento divino associados ao cálice no Salmo 11, Salmo 60, Salmo 75, a ideia de sofrimento, Isaías 51, Jeremias 25, Jeremias 49, Jeremias 51, Lamentações 4, Ezequiel 23, Habacuque 2, Zacarias 12.

E eu acho que a chave aqui é que o que Jesus está orando para que este cálice passe de mim é esta imagem do que está prestes a ocorrer, que é o derramamento do julgamento de Deus, a ira de Deus. Isso não é apenas uma declaração poética, mas que Jesus está orando não simplesmente para que este sofrimento físico, que será

imenso, seja poupado dele, mas o derramamento do julgamento divino seja poupado dele. Que o que teremos acontecendo na cruz é um vislumbre, uma dispensação única, se você quiser, do dia do Senhor.

O dia do Senhor, que é este dia de julgamento, este dia de ira que acompanhará o fim de todas as coisas quando o próprio tecido da criação começará a ser abalado. É isso que ocorre unicamente na cruz, mas sobre Jesus. E então é aqui que, você sabe, quando a representação da cruz e o clamor de Jesus, muitos vão querer dizer, e eu entendo isso, vão querer dizer que foi naquele momento que, você sabe, Deus Pai virou as costas para Jesus, ou que de alguma forma Deus Pai e Deus Filho estavam de alguma forma separados naquele momento por causa do pecado que estava em Jesus.

E eu acho que o que está acontecendo lá está realmente faltando. Eu acho que Deus Pai está totalmente presente na cruz, mas ele está totalmente presente em sua ira. O que está acontecendo é que Deus Pai está derramando seu cálice de julgamento sobre Deus Filho.

Que é a sua ira, e assim Jesus ora para que, se houver alguma maneira de ele não ter que receber a ira de Deus, ele gostaria que isso passasse dele. E então, eu acho que isso meio que, você sabe, fala do estresse e da tristeza que ele está prestes a enfrentar. E ainda assim, é claro, sabendo muito bem o que está prestes a ser derramado sobre ele, que o dia da irrupção do dia do julgamento será exclusivamente sobre ele.

É aqui que, você sabe, teologicamente, a ideia seria que todos os que creem em Cristo experimentam o dia do Senhor, mas o experimentam vicariamente por meio de Jesus e não estão sofrendo com isso. No meio da plena realização do que está prestes a ocorrer, Jesus diz, ainda não o que eu quero, mas o que tu queres. E a bela exibição do relacionamento entre Deus Filho e Deus Pai, e como Deus Filho se submete e obedece à vontade de Deus Pai.

Ele é o perfeito motivo do servo sofredor chegando. E ele vem, é claro, ele o encontra dormindo. Ele disse a Pedro, Simão, você está dormindo? Você não pôde vigiar por uma hora? Aqui estavam Simão e os outros discípulos que estavam tão confiantes de que seriam capazes de ser firmes com Jesus, e agora eles não conseguiam nem ficar acordados.

E o espírito está pronto, mas a carne é fraca. Meu entendimento dessa declaração é que ele está reconhecendo que eles realmente eram sinceros quando diziam que ficariam com ele, mas eles eram fisicamente incapazes de fazê-lo. E novamente, ele vai embora e ora dizendo as mesmas palavras, e novamente ele vem e os encontra dormindo, pois seus olhos estavam pesados.

E, claro, a repetição configura, certo, que Jesus novamente os repreende por não conseguirem ficar acordados, e para o qual, claro, os discípulos não têm resposta. Você sabe, essa incapacidade de responder é indicativa no versículo 40 de que eles sabem que estão errados. Eles falharam com Jesus. E então uma terceira vez, ele diz a eles, vocês ainda estão dormindo e descansando? E finalmente, ele quer dizer que é o suficiente, o que eu acho que é o suficiente, que é sua maneira de dizer que, metaforicamente falando, está feito.

É, estamos agora, chegamos ao momento, o tempo é suficiente, a oração de petição está terminada, e é suficiente, a resposta é substancial, pois a hora chegou. O Filho do Homem é traído nas mãos dos pecadores. E, claro, como leitores de Marcos, temos trabalhado para esse momento desde o capítulo 8, desde que Jesus tem dito que é necessário que o Filho do Homem seja entregue; agora sabemos que esse momento chegou.

E eu acho fascinante também que ele use nas mãos dos pecadores, e eu acho essa referência aos pecadores interessante aqui, poderia ser uma referência ao seu julgamento sobre eles, certo, que é isso que eles são. Há alguma ironia aí, é claro, porque ele é aquele que é tão frequentemente acusado de estar com pecadores em Marcos, e é claro, é difícil não perder a expiação que ele está realmente prestes a ser alguém que está onde somente os pecadores pertencem. E talvez o uso da linguagem dos pecadores ali capture tudo isso.

Então aqui está o momento em que Jesus é entregue em mãos humanas, e nós pegamos isso com o versículo 43. E imediatamente, enquanto ele ainda falava, chegou Judas, um dos doze, e com ele uma multidão com espadas e porretes, vinda dos principais sacerdotes, dos escribas e dos anciãos. Agora, o traidor lhes havia dado um sinal, dizendo: Aquele que eu beijar é o homem.

Prendam-no e deixem-no longe, sob guarda. E quando ele chegou, ele foi até ele imediatamente e disse Rabi, e ele o beijou. Eles lançaram as mãos sobre ele e o prenderam, mas um dos que estavam por perto puxou sua espada e feriu o servo do sumo sacerdote e cortou sua orelha.

Jesus disse-lhes: Saístes com espadas e porretes contra um salteador para me prender? Todos os dias eu estava convosco no templo pregando, e não me prendestes, mas deixastes que se cumprissem as Escrituras. E todos o deixaram e fugiram. Um jovem o seguiu, vestindo apenas um lençol sobre o corpo, e o prenderam, mas ele deixou o lençol e fugiu nu.

Quando olhamos para esta seção, é claro, e então com 53, onde eles levam Jesus ao sumo sacerdote e o julgamento é montado, encontramos aqui este momento em que Jesus é entregue em mãos humanas, mas também vemos o quanto sua autoridade ainda está presente. Jesus, é claro, está sendo dito aqui como o

paradigma da obediência. Temos falado disso ao longo de nosso estudo de Marcos, onde a falta de fé dos discípulos se torna o contraste do qual o próprio Jesus faz o contraste.

E aqui a falta de fé se torna totalmente visível. E, claro, o sinal de um beijo, certo, Judas já havia pré-arranjado como isso aconteceria, como identificamos quem é Jesus. Um, talvez seja uma maneira de ajudar a identificar no escuro quem é a figura, caso esse grupo que está vindo com ele não saiba exatamente como Jesus se parece.

Mas ainda mais no antigo Oriente Próximo, o beijo era um sinal de afeição, de hospitalidade. A igreja deve se cumprimentar com um beijo, o que torna esse momento muito mais triste. Mark Strauss aponta, eu acho que muito efetivamente aqui, como Provérbios 27 :6 e a verdade de Provérbios 27:6 aqui são encontrados.

Ferimentos de um amigo podem ser confiáveis, mas um inimigo multiplica beijos. Temos uma referência a uma certa figura parada aqui que tem uma espada e golpeia a orelha de um servo. É interessante porque Mark é muito enigmático sobre esse momento.

Não sabemos quem é em Marcos que realmente puxa a espada, é apenas um certo homem. Nem sabemos o nome do servo que tem a orelha cortada. João nos diz que é Pedro quem tem a espada.

O servo é Malchus. Mateus e Lucas dão uma descrição muito mais completa deste evento. Há diálogo, há conversa.

Claro, Jesus tinha em Lucas, Jesus o instrui a realmente trazer espadas com eles. Mas então também temos em Mateus e Lucas onde Jesus repreende o ato e cura a ferida, mas não temos nada disso em Marcos. Na verdade, esse evento, que acaba de ser mencionado, é deixado quase imediatamente para as palavras de Jesus.

E eu acho que o sentido do imediatismo é que Jesus não tem intenção de responder dessa forma, dessa forma militar defensiva. Na verdade, seu foco está muito voltado, no Evangelho de Marcos, para esse grupo. E então, Marcos se afasta muito rapidamente dessa tentativa de frustrar o ataque, se preferir, a prisão e repreende aqueles que estão chegando.

Ele os repreende. Sua repreensão é dupla. Primeiro, ele os repreende por virem com armas como se fossem ladrões ou insurrecionistas, uma ameaça ao povo e à estabilidade.

No entanto, eles fazem isso em segredo. Eles tiveram muitas oportunidades quando ele estava ensinando no templo, mas nunca as aproveitaram. Então, a ironia é que

vocês vêm como se eu fosse uma ameaça, mas vocês estavam com muito medo de fazer isso em público porque se sentiram ameaçados sobre essa ação.

Então, ele está desenhando até mesmo a tensão entre a hipocrisia e toda a ação daqueles que estão prendendo. Mas sua autoridade se torna presente. Mesmo que haja aqueles que estão ao lado dele que podem puxar a espada, mesmo que o próprio partido que prende seja inconsistente com seu raciocínio, Jesus não se posiciona sobre nenhum deles em termos de resistência, mas diz que sabe o que as escrituras dizem que deve ocorrer.

Então, sua autoridade é feita vista. E de fato, Zacarias 13:7 diz, fere o pastor, e as ovelhas serão dispersas. Então, esta escritura prevendo não somente que o Filho do Homem seria entregue e preso, mas também que o pastor quando ele é levado, as ovelhas são dispersas, imediatamente vem através do versículo 50 onde todos o deixaram.

Com exceção do episódio de Pedro, a partida dos discípulos é a última coisa que ouviremos deles até o fim de todos esses eventos. E Marcos, eles realmente se foram. Eles realmente partiram.

Temos esse incidente muito estranho, e não tenho outras maneiras de descrevê-lo, exceto os versículos 51-52, que são estranhos. Um jovem o seguiu com nada além de um pano de linho sobre o corpo. Eles o agarraram, mas ele deixou o pano de linho e fugiu nu.

Houve muitas sugestões do que pode estar acontecendo aqui, quem pode ser. Acho que uma das duas melhores possibilidades é por que esse jovem só tem um pano de linho sobre o corpo; quero dizer, então, de alguma forma ele é levado às pressas para seguir para o Getsêmani, e isso era tudo o que ele tinha, mas não sabemos. De alguma forma, ele fica só um pouquinho mais.

Ele segue para onde todos os discípulos fugiram. Ele segue só um pouquinho, mas não muito tempo. Na verdade, foge nu, o que seria algo muito vergonhoso de se fazer.

As duas sugestões são basicamente estas e talvez não sejam mutuamente exclusivas. Uma é que esta é uma figura que a comunidade para a qual Mark está escrevendo conhecia, que eles sabem sobre esta pessoa, e há uma referência a alguém que eles conhecem. A outra, foi assumido que talvez este seja John Mark, o autor do próprio tipo de inserção autobiográfica de Mark indicando que ele era aquela pessoa ali, e novamente, essas duas não são mutuamente exclusivas.

Acho que a declaração autobiográfica faz algum sentido porque esse incidente não é encontrado em nenhum outro lugar, e então acho que o sentido de que João Marcos

está se referindo a si mesmo de uma forma que é humilde. Quero dizer, ele declara que fugiu nu quando pressionado por isso, então não seria um momento de se inserir de uma forma altamente honrosa, mas de uma forma vergonhosa. Com o versículo 53, porém, começamos a sequência do julgamento.

Haverá duas cenas de julgamento em Marcos, uma judaica diante do Sinédrio e uma romana diante de Pilatos. O propósito da audiência judaica é aparentemente reunir evidências para serem usadas contra Jesus, uma que pode ganhar uma sentença capital do governador romano; Mateus segue Marcos, enquanto Lucas e João têm fases adicionais nos julgamentos. Quando olhamos aqui, vemos que Marcos divide basicamente cinco cenas, talvez até um pouco de um sanduíche de sorriso, onde você tem o relato da prisão e o julgamento é interrompido duas vezes, primeiro por uma declaração sobre Pedro seguindo à distância, depois pela negação de Pedro.

No entanto, eu me pergunto se precisamos ter cuidado antes de pressionar demais uma ideia de sanduíche aqui, e pode ser apenas uma rotação de cenas, ou nos deixar saber o que está acontecendo simultaneamente. Claro, ao longo disso, temos um contraste muito gritante. Jesus fielmente testifica que ele é o Messias.

Pedro nega que ele sequer conheça Jesus. Jesus testifica que ele é o Messias, o que significa sofrimento. Pedro nega que ele conheça Jesus e que ele deve escapar disso.

Pedro está arriscando perder sua vida para proteger, perdendo sua alma para proteger sua vida. Agora, a historicidade dessa contagem dos julgamentos tem sido desafiada frequentemente com base no fato de que ela viola o que é encontrado na Mishná. De acordo com a Mishná sobre o Sinédrio e casos de pena capital, um, eles não poderiam ser julgados à noite, e uma condenação deve esperar até o dia seguinte, nenhum julgamento poderia ser realizado na véspera do sábado, o que teria sido na véspera do sábado, nenhum julgamento deveria ser realizado durante os festivais, uma segunda audiência era sempre necessária para uma sentença de morte, a Mishná diz que evidências contraditórias devem ser desconsideradas, testemunhas são proibidas de testemunhar falsamente, uma acusação de blasfêmia só poderia ser feita se o réu tivesse pronunciado o nome divino, os julgamentos só poderiam ser realizados em um dos três tribunais em Jerusalém e a residência do sumo sacerdote não era um deles.

E então, é dito que o julgamento de Jesus viola tudo isso. Agora, há diferentes respostas para isso. Uma resposta é, bem, eles estavam tentando fazer muito disso com muita pressa e em segredo e seguir a regulamentação não era algo que fosse uma alta prioridade para eles.

Tenha em mente também, porém, que a Mishná está codificando esses julgamentos em direção ao final do segundo século, então não podemos sempre ter certeza de que essas práticas que eram exigidas ou esperadas no final do segundo século estão

em jogo neste momento, que essas regulamentações que surgem na Mishná provavelmente surgiram por causa de abusos que podem ter ocorrido. Além disso, não é tanto um julgamento formal aqui, mas sim obter um caso contra Jesus para apresentar a Pilatos. A Mishná representa mais do que as práticas farisaicas também.

Em Marcos, o Sinédrio é composto principalmente por saduceus. Que Jesus foi crucificado por ordem de Pôncio Pilatos não está em dúvida, mas isso não significa que precisamos questionar a historicidade dos julgamentos judaicos de Jesus simplesmente porque teriam sido os romanos os únicos que poderiam ter crucificado ou parece estar fora de ordem. E então a questão tende a se concentrar em qual papel os governantes judeus tiveram? Qual era o papel deles em tudo isso? E eu acho que, ao pensarmos nisso, temos declarações claras da rejeição dos líderes judeus, os líderes religiosos de Jesus, que agora eles têm aquele momento que estavam procurando para encontrar falhas em Jesus, para fazer isso em segredo.

Os principais sacerdotes que temiam as multidões agora podem assumir o controle de Jesus, prender Jesus e começar a controlar os momentos. Há uma necessidade de se unir em torno de sua oposição contra Jesus, acusá-lo de blasfêmia, bem como encontrar acusações que o colocariam contra Roma. Há uma necessidade de começar, de uma perspectiva de liderança teológica, se você quiser, a defender a causa da morte de Jesus, mesmo que eles não tenham o poder de cometê-la.

Sabe, o fato de vermos aqui esses homens empenhados em matar Jesus, não deveríamos esperar necessariamente que eles seguissem protocolos para fazer isso acontecer. Agora, Marcos não nomeia quem é o sumo sacerdote aqui a quem eles vão. Outros dizem que é Caifás.

Caifás, sabemos, ocupou o cargo, de fato, de 18 a 36 d.C. Ele era genro de Anás, que foi deposto pelos romanos em 15 d.C. Josefo nos conta que cinco dos filhos de Anás e seu genro serviram como sumo sacerdote.

Isso se encaixa historicamente com o que vemos em outros lugares. Sabemos que havia três grupos que foram levados para compor o Sinédrio, então todo o Sinédrio, que essa referência aqui é provavelmente uma maneira de dizer um quórum. Então, quando olhamos através disso, essa evidência do que está acontecendo nessa trama judaica, se você quiser, que mesmo que seja Pilatos quem finalmente declara a morte de Jesus, acho que Marcos é claro ao indicar que não são apenas os romanos que buscaram isso.

E então vamos dar uma olhada no que vemos aqui enquanto avançamos. Eles levaram Jesus ao sumo sacerdote, e todos os principais sacerdotes, os anciãos e os escribas se reuniram. Novamente, acho que isso significa o quórum, os principais sacerdotes, os anciãos e os escribas desses grupos.

Pedro o seguiu à distância, bem para dentro do pátio do sumo sacerdote. Pedro realmente tem um toque de coragem ali. E ele estava sentado com os guardas, se prevenindo no fogo.

Agora, os principais sacerdotes e todo o conselho estavam buscando testemunho contra Jesus para condená-lo à morte, mas não encontraram nenhum. Por quê? Porque muitos deram falso testemunho contra ele, mas seus testemunhos não concordavam. E o sumo sacerdote se levantou no meio e perguntou a Jesus: Você não tem resposta para dar? O que é que estes homens testificam contra você? Versículo 60.

Mas ele permaneceu em silêncio e não respondeu. Novamente, o sumo sacerdote perguntou-lhe: você é o Cristo, o Filho do Deus Bendito? Então, é neste momento, parece que, você sabe, parece que o julgamento está indo agora para o lado de Jesus, que há aqueles que estão dando falso testemunho contra ele. No versículo 58, por exemplo, eles estão tentando acusá-lo de destruir, que ele destruiria o templo que é feito por mãos e três dias construiria outro, mas eles, você sabe, eles não concordam.

Eles não concordam em seu testemunho. Curiosamente, é claro, essa declaração real não é o que ouvimos de Jesus estando no templo mais recentemente, que ele o destruirá; seu templo foi feito por mãos humanas, e em três dias, eles construirão outro, não feito por mãos. Na verdade, temos essa declaração do Evangelho de João, onde há Jesus no templo fazendo atividades semelhantes, embora haja uma pequena mudança também do que temos na Semana da Paixão, e é claro que para João isso acontece bem no início do Evangelho, onde Jesus faz essa declaração.

E eu acho, você sabe, esse debate sobre o qual falamos, essa ideia de, é isso, Jesus entrou no templo duas vezes ou ele entrou uma vez e foi separado em duas partes da história, eu acho que o fato de que as testemunhas não concordam realmente com as declarações que Jesus fez relacionadas à destruição do templo apoia que há duas atividades separadas, que há uma passagem de tempo que ocorreu em vez de apenas declarações que ele fez alguns dias atrás na presença desses mesmos líderes religiosos que estavam em vista. Então, eu acho que pode ser que, de fato, você sabe, Jesus, é claro, sabemos pelo Evangelho de João, entrou em Jerusalém em mais de uma ocasião, e é naquela primeira ocasião que ele também mostrou desgosto pelo que estava acontecendo no templo que ele fez essas declarações. Mas o julgamento não está indo bem, e Jesus não está respondendo, e ele não precisa responder, e então temos o sumo sacerdote perguntando a ele especificamente, você é o Messias, o Filho do Abençoado? E o Filho do Abençoado, é claro, é um termo que não pegamos muito, e então ele fala da historicidade do termo. O Filho do Abençoado é outra maneira de dizer o Messias, você sabe, a identificação do Messias como Filho de Deus, você sabe, teria sido, você sabe, parte disso.

Então, não é uma questão de se Jesus é divino e se ele é o Filho do Abençoado. É uma questão de se Jesus pensa que ele é o Messias. No cenário, o sumo sacerdote se levantou no meio, é claro, eu acho, lembrando o homem na mão ressequida sendo convidado a se levantar no meio de todos.

O silêncio de Jesus é semelhante a Isaías 53:7, a ovelha diante dos tosquiadores está em silêncio. E a questão, claro, é muito marcante. Pensemos no que está acontecendo em Marcos.

Jesus tem ativamente amortecido essa identificação. Agora, houve, em Marcos, certas implicações messiânicas que Jesus abraçou. Há uma escrita no jumento em Jerusalém, por exemplo.

Mas aqui temos uma pergunta específica, e a pergunta, é claro, para Jesus tem vindo ao longo de todo o seu evangelho. Nos primeiros oito capítulos, as perguntas eram sempre: quem é este que pode fazer tais coisas? Quem pode falar com tal autoridade? Quem pode curar? Quem é este que pode acalmar as tempestades? E então, você tinha todas essas perguntas sendo feitas sobre quem é Jesus. Marcos tem nos deixado saber todas essas perguntas.

Então, é claro, em Marcos 8, temos o próprio Jesus fazendo a pergunta a Pedro, quem o povo diz? E os discípulos, quem o povo diz que eu sou? Quem vocês dizem que eu sou? Mas agora Jesus é questionado especificamente: você é o Messias? E Jesus responde em Marcos 6:2, Eu sou, e vocês verão o Filho do Homem sentado à direita do poder e vindo com as nuvens do céu. Eu quase me pergunto neste sentido, se todo o julgamento aqui não estivesse pendurado por um fio, e se Jesus tivesse permanecido em silêncio, talvez o julgamento tivesse seguido seu caminho, supostamente. E então, sua decisão de não permanecer em silêncio dá aos líderes religiosos no Sinédrio o que eles estavam querendo, que é uma oportunidade de acusá-lo.

E ele lhes dá uma oportunidade de acusá-los política e teologicamente. Para sua resposta, uma é que ele declara muito diretamente, sim, o segredo messiânico, se você preferir, acabou. Ele declara que ele é de fato o Messias.

Isso lhes dá a munição política de que precisam. Isso lhes permite ir até Pilatos e dizer que ele está tentando ser um governante político, tentando unir as pessoas contra Roma e causar desconfiança. Mas então, ao dizer também que verão o Filho do Homem, de fato é a segunda resposta que se torna ainda mais desafiadora.

É o segundo aspecto onde eles verão o Filho do Homem vindo nas nuvens do céu. Isso vem de Daniel 7:13 a 14, onde alguém, como o Filho do Homem, vem nas nuvens do céu diante do Ancião dos Dias e recebe glória e domínio e um reino

eterno. O que Jesus, eu acredito, faz aqui é que ele diz, não sou apenas o Messias, mas sou o Filho do Homem.

E a figura do Filho do Homem que vem, você sabe, e recebe domínio, que há uma referência de que haverá um julgamento por vir, que você está me julgando, mas chegará um momento em que eu, como o Filho do Homem, estarei julgando você. E, claro, não há outra resposta para os sumos sacerdotes neste momento. Eles podem, você sabe, afirmar que o que Jesus disse é verdade, ou eles devem declará-lo agora ter cometido blasfêmia, que é o que eles fazem ao rasgar as vestes e declarar quais outras testemunhas precisamos.

Vocês ouviram a blasfêmia dele, versículo 64, vocês ouviram a blasfêmia dele. Qual é a sua decisão? E todos o condenaram como merecedor da morte. E alguns começaram a cuspir nele, a cobrir seu rosto e a esbofeteá-lo, dizendo-lhe: profetize. E os guardas o receberam a golpes.

E então, no verso, você sabe, até 65 aqui, temos que o julgamento judaico chega ao fim, e chega ao fim com a declaração de que Jesus afirma que ele é o Messias, afirmando que ele é o Filho do Homem, e a rejeição deles a ele, e que ele deve ser sentenciado a morrer. A ironia é que é a sua própria morte que traz a validade de sua reivindicação messiânica e que ele é o Filho do Homem. Vemos então em 66 até 72, e entraremos mais nisso um pouco mais tarde, mas talvez para terminar aqui em Marcos 14, agora voltemos para Pedro.

Então, tudo isso está acontecendo. A forte postura de Jesus diante de todos esses líderes religiosos que afirmam que ele é o Messias, o Filho de Deus. Em 66 a 72, temos Pedro abaixo no pátio, e uma das servas do sumo sacerdote vem.

Acho que a ideia é que ela provavelmente está trabalhando com as criadas. Poderia ter sido uma mulher mais jovem; a linguagem meio que permite que não tenha que ser uma garotinha. E vendo Pedro se aquecendo, ela olhou para ele e disse: "Você estava com o Jesus Nazareno."

Ele negou, dizendo, Eu não sei nem entendo o que você quer dizer. Essa é uma outra maneira de dizer, Eu não sei do que você está falando. E ele saiu pelo portal, que eu acho que ele sai pelo portal principalmente porque ele está tentando se separar dessa escrava que o identificou, mas também isso lhe permite uma saída mais rápida, caso ele precise.

E o galo cantou. E a criada o viu e começou a dizer, o espectador, este homem é um deles. Então agora observe que ela não está acusando Pedro diretamente.

Ela agora está trazendo outras pessoas para isso. Talvez sejam outros servos, ou talvez também sejam pessoas ali para manter a paz, ou guardas, e assim por diante. Mas, novamente, ele negou.

Depois de um tempo, o espectador disse a Pedro; certamente você é um deles, pois você é um galileu. E Marcos não nos diz por que eles sabem que ele é um galileu. Claro, o outro evangelho meio que explica sua fala e, muito provavelmente, seu sotaque.

Mas o sentido aqui é que esse grupo chegou a uma conclusão. Sim, ele deve ser. Ele deve ser um deles porque é um galileu.

Sabemos que Jesus é da Galileia. E então a resposta de Pedro, eu acho, apenas mostra a substância de sua negação. Ele começou a evocar uma maldição sobre si mesmo e a jurar, Eu não conheço esse homem de quem você fala.

É o que ESV traduz. É interessante porque no grego, diz apenas que ele começou a jurar com um juramento e invocar uma maldição. Não está claro, na verdade, quem é o alvo da maldição.

Na verdade, a linguagem que é usada pode implicar que é aquela linguagem reflexiva típica. Normalmente, quando você invoca uma maldição, você está invocando uma maldição sobre alguém ou algo. Então, tem havido várias opções.

Uma é que Pedro invocou uma maldição sobre si mesmo, e Marcos está apresentando de uma forma que é meio atípica disso. A segunda seria que ele está invocando uma maldição sobre Jesus, declarando que Jesus é amaldiçoado. E a terceira é que ele está invocando uma maldição sobre as pessoas que o estão acusando.

A ideia de que Deus fará algo contra você por me chamar de mentiroso é o tipo de ideia. Independentemente das três, e eu acho que a menos provável das três, pode ser o que a ESV escolheu aqui, que é invocar uma maldição sobre si mesmo. Independentemente das três, eu acho que percebemos que a linguagem do juramento e da maldição são duas maneiras de invocar Deus como parte da afirmação da verdade do que Pedro está dizendo.

Que Pedro está fazendo um juramento a Deus seria a ideia, e também está declarando que Deus amaldiçoará alguém, você sabe, por causa dessa acusação. Então, pense no que está acontecendo aqui. Aqui é enquanto Jesus está de pé na frente dos líderes religiosos e declara que ele é o Messias e que ele é o Filho do Homem, e eles estão gritando blasfêmias contra Jesus. Ao mesmo tempo, Pedro, por medo do que sua serva e aqueles ao seu redor estão dizendo, declara que ele não

tem nada a ver com Jesus e que Deus pode validar a autenticidade do que ele está dizendo.

Quero dizer, o contraste entre as duas negações de Pedro não é simplesmente que eu não sei do que você está falando, mas que ele trouxe Deus para a força de sua negação. Isso coloca Pedro muito mais perto dos líderes religiosos, declarando Jesus como blasfêmia, declarando Jesus como sendo amaldiçoado. Você sabe, declarar blasfêmia seria declarar que Jesus está fora do povo de Deus, tem estado agora, violou a lei de Deus.

Pedro está muito mais próximo dessa declaração em sua mentira. Ele está muito mais próximo de fazer a mesma coisa do que de ficar com Jesus, o que, é claro, ele tão ousadamente disse que faria. Pedro se lembrou, e então imediatamente o galo cantou uma segunda vez, e Pedro se lembrou de como Jesus lhe dissera, antes que o galo cante três vezes, você me negará três vezes.

Ele desabou e chorou. Então aqui está Jesus previu isso e a previsão exata se tornou realidade, o que Pedro provavelmente não percebe no momento, mas há esperança naquele momento de que o que Jesus disse sobre o galo e sua negação se tornou realidade. Há esperança porque Jesus também disse: Eu os verei novamente na Galileia.

E então, se Jesus está aqui, há esperança de que ele esteja lá. E Pedro desabou e chorou. E eu acho que quando olhamos para as diferenças entre Pedro e Judas, há várias ao longo dos Evangelhos.

Pedro nunca disse que Satanás o inspirou. Ai nunca são dados a Pedro. Pedro, Jesus diz que orou por ele.

Eu orei por você, Pedro. Não temos nenhum relato de Jesus dizendo sobre Judas que eu orei por você, Judas. E aqui Pedro chora e imediatamente reconhece o que fez, talvez até mesmo uma pitada de sua tristeza.

Isso nos leva ao fim do capítulo 14 de Marcos. Continuaremos na próxima vez com Marcos 15 e o julgamento e a crucificação de Jesus.

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o Evangelho de Marcos. Esta é a sessão 22, Marcos 14:26-72, A Última Ceia, Prisão, Julgamento e Negação de Pedro.